

“Bom *barulho* da Baixada” no centro da metrópole: o Escritório da Transfusão como articulador de cenas musicais *lo-fi*

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: ETNOMUSICOLOGIA

Gabriel Islaz Gonçalves dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – gabriel.islaz@gmail.com

Maria Elizabeth Lucas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – lizabet2008@gmail.com

Resumo. O presente trabalho apresenta um recorte da pesquisa de mestrado ora em andamento, que tem como objetivo geral, contribuir para o conhecimento etnomusicológico das cenas musicais ligadas à gravação caseira precária no Brasil, em especial à categoria denominada *lo-fi*. Partindo de observações do espaço cultural Escritório da Transfusão, do Rio de Janeiro (RJ), e pela via de uma etnografia virtual em construção, a colaboração com seus músicos vem apontando novas redes que aí se encontram através de diferentes gêneros musicais como o hip-hop e o gospel *lo-fi*. Contando com análises iniciais feitas por meio de trabalho netnográfico aponta-se para a relevância dos territórios do Escritório como articulador de manifestações musicais plurais que redefinem a categoria estético-musical do *lo-fi*.

Palavras-chave. *Lo-fi*. Gravação Caseira. Escritório da Transfusão.

“Good noise from Baixada” in the Metropolis' Downtown: Escritório da Transfusão as a *Lo-fi* Musical Scene Articulator

Abstract. This essay is an excerpt of an ongoing project dedicated to expanding the ethnomusicological knowledge of musical scenes in Brazil linked to precarious home recording and the practice known as *lo-fi*. Based on observations from the cultural space Escritório da Transfusão, in Rio de Janeiro (RJ), and through a virtual ethnography under construction, the collaboration with its musicians points to new networks that are found there through different musical genres such as hip-hop and *lo-fi* gospel music. Relying on initial analyses carried out through netnographic work, it points to the relevance of Escritório's territories as an articulator of plural musical manifestations that serve to redefine the aesthetic-musical category of *lo-fi*.

Keywords. *Lo-fi*. Home recording. Escritório da Transfusão.

1. Introdução

O presente texto é um recorte de uma pesquisa de mestrado em etnomusicologia ora em andamento¹. O projeto propõe-se a investigar e compreender o fazer musical *lo-fi*, abarcado nas correntes da cultura *DIY*, a partir de uma etnografia virtual etnomusicológica em colaboração com músicos praticantes da gravação caseira em distintas regiões do país, partindo de observações iniciais com músicos da região sudeste.

Neste artigo, revisita-se algumas falas nativas e observações dadas em território virtual sobre o chamado Escritório. Fundado em 2013 por Lê Almeida, músico, produtor e artista gráfico oriundo de Vilar dos Teles (RJ), o Escritório funciona como sede da Transfusão

Noise, coletivo cultural criado em 2004, também pelo músico, “para representar o bom barulho feito entre bandas amigas da Baixada Fluminense”². Apelidado de “clube recreativo”, onde ocorrem desde ensaios e gravações de bandas a festas, o Escritório da Transfusão localiza-se em uma pequena sala comercial nas proximidades da Praça Tiradentes, centro do Rio de Janeiro (RJ). O local tem como marca a circulação heterogênea de jovens em termos de raça, gênero e classe, e é tido como ponto expressivo e de referência entre músicos praticantes do *lo-fi*. Ademais, além da diversidade nos perfis de seu público, também serve de abrigo para diferentes gêneros musicais que se identificam no uso de recursos sonoros precários em seus processos de gravação.

O Escritório surgiu como produto da Transfusão Noise, com o intuito de negociar espaços de uma música que fugia ao conceito de *mainstream* dentro da cena carioca, criando um movimento de sinergia entre bandas amigas que colaboraram atuando como sociedade em seus primeiros anos. Com o passar do tempo, tal sociedade se estabeleceu em três nomes: Lê, Joab e João. Realizando festas três vezes ao mês, o Escritório se constituiu como articulador e viabilizador de eventos musicais, recebendo e tecendo redes com músicos de diversos cantos do país, como também incentivando a circulação de músicos oriundos das periferias da capital fluminense. Ademais, o Escritório serve como estúdio de ensaio e gravação, proporcionando preços acessíveis à comunidade e oferecendo “a mixagem mais rápida do Rio de Janeiro”, contando com equipamentos de som e tecnologias de gravação que foram acumulados, trocados e negociados ao longo dos anos. O local ainda funciona como espécie de atelier onde são elaboradas colagens, uma das marcas estéticas visuais mais fortes do coletivo.

A ampla modernização dos recursos de gravação sonora permitiu a expansão vertiginosa da produção fonográfica global a partir dos anos 1970. A acessibilidade dos equipamentos permitiu a popularização de registros musicais pela tecnologia da fita cassete e do gravador portátil. As décadas subsequentes testemunharam a eclosão da era digital que não deixaria de atingir e provocar mudanças e inovações nas tecnologias do som. Entretanto, ao direcionarmos olhares aos estratos sociais praticantes do *lo-fi*, são perceptíveis as diferenças significativas na apropriação dos sistemas de gravação caseira quando feitos em ambientes socioeconômicos distintos.

A temática da gravação caseira enquanto fazer precário está frequentemente relacionada ao termo *lo-fi*. Esta denominação difundiu-se publicamente, segundo o DJ estadunidense William Berger³, a partir de seu programa na rádio nova-iorquina WFMU, denominado *Lo-Fi*, em 1986. Seu objetivo era apresentar durante trinta minutos apenas

gravações amadoras e feitas em casa. A expressão trata, a grosso modo, da abreviação de *low fidelity*, que traduzido do inglês significa baixa fidelidade. O relato de Berger é direto ao dizer que se considera “a primeira pessoa a usar o termo ‘*lo-fi*’ em um fórum público”⁴. Segundo Marcelo B. Conter (2016) em *Lo-Fi: Música pop em baixa definição*, estudo na linha dos *Sound Studies* e que trata dos agenciamentos de baixa definição na música pop alternativa internacional e nacional, definir este termo é um tanto complicado, pois refere-se a uma complexidade que não envolve somente questões estilísticas ou de gênero musical, mas uma multiplicidade de manifestações na música popular.

Em termos gerais, as práticas relacionadas ao *lo-fi* vinculam associações a gêneros musicais ligados à classe média branca e de caráter excludente, tal como o *indie rock*, que ao longo dos anos passou a se apropriar do *ethos* faça-você-mesmo - do termo anglofônico *do-it-yourself*, ou, simplesmente, *DIY* (GUMES, 2011). O gênero *indie* é composto predominantemente por indivíduos e grupos de juventudes universitárias, em sua maioria jovens brancos e de classe média, contando com pesquisas acadêmicas relacionadas ao tema presentes em países como Canadá, Estados Unidos e Reino Unido e Austrália. Por outro lado, são encontradas práticas relativas a circunstâncias totalmente avessas a esta caracterização hegemônica, como no caso do *Escritório*, onde jovens negros (e em sua maioria periféricos) são vistos como agentes “criadores-criativos” destes artesanatos musicais precários.

Como orientação geral desta pesquisa etnomusicológica, toma-se a proposta defendida por Anthony Seeger em seu artigo *Etnografia da Música* (2008). As performances musicais, segundo Seeger, podem ser analisadas a partir de “exame sistemático dos participantes, sua interação, o som resultante e fazendo perguntas sobre o evento” (Seeger, 2008, p. 253). Da mesma forma, o autor cita a importância do trânsito do pesquisador em vincular diferentes descrições e o valor da investigação das categorias nativas. O conceito de etnografia da música poderia ser visto, portanto, como uma “abordagem descritiva da música, que vai além do registro escrito de sons” (idem, 2008, p. 239). Outras referências de autores que lidam com a etnografia da performance (Cohen, 1993; Turino, 1999) se agregam aqui. Tais autores chamam a atenção para a importância de uma contextualização social como base para a investigação etnográfica, dando importância a características cotidianas e à reflexão atenta e contínua sobre a representação etnográfica através de perspectivas dialéticas.

Realizando a pesquisa em um país como o Brasil, que se vê imerso na pandemia de COVID-19 há mais de um ano, a situação de manter um trabalho de campo seguro, tanto para pesquisadores como colaboradores, reveste-se de extrema importância. Durante a formação

oferecida em 2021 no seminário de métodos de pesquisa de campo no PPGMUS/UFRGS, discutimos e analisamos os dilemas relatados por vários estudantes que adotaram a pesquisa remota durante a pandemia. Partimos de Arturo Escobar (2016) e Beatriz Polivanov (2013) em suas contribuições sobre pesquisas que envolvem seres humanos e tecnologias. Escobar traz uma série de reflexões pioneiras sobre as implicações sociais do uso de tecnologias emergentes, sobretudo para a elaboração do que vem a ser uma antropologia da cibercultura. Polivanov, por sua vez, traz implicações de conceitos diferentes, mas próximos, que envolvem a etnografia e o mundo virtual. Ambos, em suas diferenças, são instigantes no entendimento e na reformulação do trabalho de campo etnomusicológico em condições de virtualidade. No entanto, ainda é preciso que tais pontos teóricos sejam combinados com ferramentas que se adequem à realidade, meios e necessidades dos colaboradores de pesquisa e do andamento da mesma. Nesse sentido, examinou-se o amplo acervo de recursos reunidos colaborativamente por Deborah Lupton (2020), que podem ser testados em uma etnografia realizada na esfera virtual, como netnografia, entrevista online e a análise de vídeos performáticos.

2. O Escritório como espaço plural

A confluência de diferentes perspectivas constitui o Escritório como espaço que abrange um público diversificado tanto socioeconomicamente como em termos de segmentos musicais. A escolha deste espaço colaborativo foi significativa para mim em detrimento de uma suposta característica de envolvimento plural acolhida pelo espaço e seus participantes. Apesar de acompanhar as redes tanto do Escritório, como da Transfusão, há cerca de alguns anos, nunca tive a oportunidade de frequentar suas sessões de gravação, ou festas. Analisando os cartazes publicados no Instagram do Escritório desde 9 de fevereiro de 2018, observa-se que antes da pandemia, a pequena sala no centro do Rio de Janeiro costumava abrigar tanto shows de bandas locais quanto de fora do estado, também se encontrando discotecagens de festas temáticas como a *Afrodísíaca*, que tinha como mote a rotação de músicas de *afrobeat/highlife* e “obscuridades brasileiras”, e a *Crime de la Crime*, em comemoração ao dia mundial de África:

Das Ilhas Maurício até Cabo Verde, de Marrocos a África do Sul vai ser tudo devidamente comemorado com bastante alegria, celebrando o continente mais diverso do mundo. Discotecagem altamente pesada.” (Dia de África no Escritório - Facebook - acesso em 26/06/2021)

A preocupação em entender as dinâmicas de fluxo nos eventos do Escritório foi abordada nas primeiras conversas com dois dos três responsáveis pelo lugar, Lê Almeida e Joab Régis – este último atuando com mais frequência desde 2019 devido à ausência de Lê, que

estaria relacionada a viagens. Músicos negros e com origens nas periferias da região metropolitana do Rio de Janeiro, ambos afirmam sobre a diversidade de público que frequentava o local em tempos pré-pandêmicos, tanto em comentários breves como “sempre foi uma galera variada que vinha de todo o canto do Rio”, quanto em ideias um pouco mais abrangentes que refletiam a percepção destes através de interações com seu público, como as de caráter econômico, por exemplo. Joab sintetiza essas presenças dicotômicas em apenas uma frase: “uns pedindo pra entrar de graça e outros esquecendo o troco” (D.C., 19/05/2021).

O primeiro contato com o pessoal do Escritório se deu efetivamente graças a uma ponte criada por minha amiga Daniele, que também tem Lê como amigo e já frequentou diversas vezes as festas do Escritório, mesmo sendo residente em Porto Alegre⁵. Dado esse fato, a ideia era seguir a construção dessa rede junto aos rapazes para então encontrar novos músicos que dialogassem com a proposta da pesquisa. Tendo que migrar para a investigação on-line, a netnografia se fez presente na condução do trabalho de campo. Segundo Polivanov (2013), o método de investigação da netnografia pode variar entre dois extremos de observação: a inserção *lurker* e a *insider*. O primeiro dedica-se a uma atuação distante e silenciosa, enquanto a segunda demonstra uma participação ativa em relação aos interlocutores. Para me dispor de maneira que ajudasse a aliviar constrangimentos, como também me permitisse avançar ao encontro de novos nomes de forma a não depender apenas de meus primeiros interlocutores, boa parte de minhas ações se deram a partir do *lurking*. De acordo com a autora,

Tal prática seria característica do ciberespaço e através dela o ator não se manifesta, apenas dedicando-se à observação do comportamento dos outros. Em outras situações que não apenas a da pesquisa, tal comportamento pode se mostrar bastante útil como, por exemplo, quando um ator é novo em determinado ambiente e pretende apreender suas dinâmicas de funcionamento, valores e regras sociais antes de se manifestar (POLIVANOV, 2013, p. 64)

Dediquei certos momentos para a investigação de músicos em *modo lurking* a partir das redes sociais do Escritório, que se concentram entre Instagram e Facebook, espaços virtuais que aparentam ser utilizados pelos administradores de maneiras diferentes em suas especificidades. Tendo o Instagram uma maior concentração de postagens mais “diretas”, onde são vistos em sua maioria cartazes e descrições curtas de eventos que viriam por ocorrer, o Facebook do Escritório torna por abranger também a divulgação de *links* para conteúdos musicais, audiovisuais e textuais que envolvem tanto o Escritório, como uma gama de bandas parceiras. Nesta rede, os eventos são encontrados e divulgados através de uma interface própria onde é possível ter um panorama numérico e individual das pessoas que possuem interesse em comparecer, e as que demonstram a certeza de sua presença. Dentro dos limites da privacidade

da rede social, dados como nome e demais informações cedidas pelos indivíduos que interagiram com estes eventos não se mostram disponíveis, o que limita uma maior compreensão destes. No entanto, é nesta mesma rede onde uma variedade de registros fotográficos é deixada à disposição, viabilizando a análise de alguns momentos e personagens gravados através de meios digitais e analógicos, sendo as fotografias misturadoras destas estéticas imagéticas.

As imagens publicadas, em sua maioria, não assumem créditos de autoria. Ora se encontram em uma postagem solitária, ora compartimentadas em algum evento. *Rolando* a linha do tempo da página do Escritório, encontra-se o evento *Fechamento na Porta do Escritório* (9 de novembro de 2019). Um fato diferente do habitual na maioria das publicações virtuais chama atenção: ao invés das bandas estarem tocando dentro da pequena sala do Escritório – que por sua vez, é decorada com luzes ultravioleta e cartazes de centenas de diferentes festas e shows espalhados pelas paredes -, as performances ocorrem em frente à fachada do local.

De acordo com as imagens, talvez cerca de cinquenta a sessenta pessoas estejam presentes. O público ilustrado divide-se igualmente entre homens e mulheres, aparentando sobressair um maior número de pessoas brancas. Segundo Joab em uma de nossas conversas, mesmo diverso, o público recebido não tem costume de ter uma rotatividade aleatória. Inclusive, um fator chave para a frequência teria a ver com as dimensões do recinto, que “por ser pequeno parece que um segmento de pessoas deixa de ir. A aleatoriedade *tá* mais nas bandas, isso ajuda a fortalecer a rede de frequentadores” (D.C., 19/05/2021). Joab também conta sobre uma frequência estabelecida em torno de quinze a trinta pessoas por noite em eventos pagos – o que é considerado casa cheia, em razão da capacidade física. Em eventos como o *Fechamento*, ocorridos na rua, o número é consideravelmente maior. As razões constatadas por ele são desde a gratuidade, até mesmo o comparecimento de pessoas que circulam pela Praça Tiradentes e acabam indo até o local, por tratar-se de uma área muito próxima. Um nicho específico acaba sendo esperado conforme a curadoria de cada evento, costumeiramente recebendo um número considerável de jovens “não negros” de classe média quando a noite se destina ao rock alternativo (D.C., 19/05/2021).

Checando entre os registros e o *line-up* disponibilizado no evento, apenas duas bandas de quatro bandas foram fotografadas. Um trio instrumental (bateria, baixo e guitarra) formado por dois homens e uma mulher, todos brancos, e um quarteto (bateria, baixo, guitarra e voz) composto apenas por homens negros. Apesar da ausência de conteúdos audiovisuais que rememorassem as performances em nível de som e imagem, é notável a conexão entre os

músicos e o público presente, que aparece “performando” com seus celulares (que ao que tudo indica estariam captando aquele momento de diferentes formas), como também demonstrando olhares atentos às bandas, ou até mesmo borras e movimentos na fotografia que supõem gestos de dança.

O espaço físico presume uma pequena quadra delimitada em suas laterais por bancas com produtos não identificáveis, e no lado oposto ao que seria o “palco” é possível ver uma pequena carroça de pipoca. Justifico as aspas referentes ao palco no sentido em que o equipamento está disposto na calçada, ao mesmo nível do público, podendo supor-se um simbolismo de igualdade. A pavimentação é mesclada por trilhos e ainda um espaço para a passagem de carros. Neste momento lembro a localização do Escritório: o centro do Rio de Janeiro, mais precisamente na Rua da Constituição. Não é à toa que minha lembrança paira perante isto: conversando com Joab sobre os fluxos do Escritório, sua localização se mostra um fator importante na facilitação de trânsitos diversos que circulam por ali, tornando-se convidativo até mesmo para camelôs, que se instalam na parte externa. Além disso, a ausência de vizinhos residentes é garantia para realizarem eventos em um horário qualquer, embora eventos como este podem ser vistos como causa de transtornos por se tratar de uma área de comércio, porém sendo praticamente deserta fora do horário comercial. A descrição do evento, publicada no Facebook pelo Escritório, também traz algumas indicações de posicionamento e a relação deste com seus frequentadores (figura 1).

Sabemos que todes estavam com saudades de maravilhoso evento baírrista e por isso resolvemos atender essa demanda maravilhosa. Vamos recolocar o bloco na rua pra apenas lembra que quem manda nessa rua somos nós e que continuamos atentos e fortes. Pra dar cora a nossa força e ganho a atenção teremos um belo bazar e apresentaremos 4 shows:

Comandante 22
plantasmorrem
Pretos Novos de Santa Rita
Balbela

Primeiro show as 19h

09 / NOV
SÁB / 16:20
NA NOSSA RUA É DE GRAÇA

Caso chova no dia o evento será transferido pra cima, mas creio que isso não aconteça.

our
NOISE
full



Figura 1: Fechamento na Porta do Escritório - Facebook - acesso em 26/06/2021

O evento em causa deu-se pouco mais de um ano após a eleição para a presidência do país, que nessa época já mostrava inúmeras ações de confronto, desmonte do estado na educação e cultura e precarização geral da população brasileira. Os conteúdos divulgados nas

redes do Escritório dizem muito da postura política ali acionada, pois meses antes da eleição presidencial de 2018 já vinham publicando fotos e mensagens de teor antifascista.

Em um momento posterior ao evento *Fechamento*, conversei com Joab, que me comentou brevemente sobre um fato ocorrido logo após a tomada de posse pelos governos estadual e federal. O acontecido deu-se na primeira festa em comemoração aos 15 anos de Transfusão Noise, em janeiro de 2019, onde tocaram Lê Almeida e GAAX. Nesta ocasião, os presentes sofreram uma abordagem da polícia militar com uma suposta reclamação de vizinhos pelo barulho. No entanto, como já comentado, isso seria de certa forma quase impossível e acabou sendo estranhado pelos então responsáveis, que costumeiramente promoviam este tipo de reunião havia mais de 6 anos. A deixa para escaparem do ato de repressão por parte dos policiais, segundo Joab, foi uma música performada por GAAX – projeto de Felipe Oliveira, 28 anos, metalúrgico e amigo de longa data do pessoal do Escritório -, que em seu conteúdo lírico se dedica a entoar cantos de louvor.

O GAAX começou a tocar uma música de louvor que fala ‘Senhor’ – Joab gesticula e canta sobre o nome - e os policiais ouviram e pensaram “esse pessoal tá tranquilo, é gente boa” daí foram embora e a gente continuou a festa (D.C., 19/05/2021).

3. O *lo-fi* manifestado entre outros estilos

O *lo-fi* e a gravação caseira assumem diversas representações ao longo de sua trajetória e em diferentes aspectos na música. De estética surgida pela necessidade de músicos que não possuíam recursos financeiros para realizarem uma gravação dita “profissional” em um estúdio musical, com o passar das décadas o *lo-fi* passou a ser apropriado por músicos e produtores membros da classe média/alta com o objetivo de utilizar recursos sonoros originalmente encontrados em gravações caseiras de suas produções nada precárias. Por outro lado, nas periferias urbanas do Brasil constatamos a presença do Rap, Funk, Tecnobrega, entre outros segmentos musicais como representantes da produção caseira, ligados diretamente à cultura afrodiáspórica e protagonizados por jovens negros, que em boa parte operam suas próprias gravações, também concentradas nos espaços físicos de suas casas.

Dentre as pautas urgentes relacionadas ao Escritório, Joab atenta em afirmar sua atuação sob a regência de uma responsabilidade social na noite carioca. Esse tipo de responsabilidade passa por questões tanto de conscientização, buscando um posicionamento que elucide as realidades diferentes das pessoas que transitam por ali, como de tentar realizar a visibilização de outros músicos periféricos e de diferentes gêneros musicais a partir da curadoria de seus eventos, e, atualmente, na não-realização de eventos com o objetivo de colaborar na contenção do vírus da COVID-19. Com exceção de João, os sócios do Escritório são moradores

de regiões periféricas do Rio de Janeiro e tem em sua rotina os percalços da vida em um ambiente de violência. Para Joab, a iniciativa e a resistência do Escritório se mostra não como “uma tentativa de fazer uma grana extra com os amigos”, mas sim um movimento realizado com intuítos geradores de contribuição para a sociedade e a música. Nesse sentido, também traz à tona a necessidade de deixar claro os privilégios da classe média frequentadora.

Outra iniciativa tomada por Joab é trazida através da implementação de shows de outros circuitos, como o de rap. O *Rap no Escritório*⁶ surgiu como uma maneira de ampliar as redes para além dos estilos musicais habituais. Em 2019, enquanto Lê estava viajando, Joab contatou um amigo rapper morador da Baixada e administrador de um selo de rap, para a curadoria de um evento que implementasse o estilo no curso do Escritório. Assim, foram feitas as primeiras festas com rappers, tendo como marco inicial a noite que contou com a presença de três nomes da cena entre as performances. A segunda edição do evento trouxe rappers de estados vizinhos, assim como dois remanescentes da última edição.

Ao examinar a interface online no Facebook do primeiro evento, é possível ter acesso a informações breves sobre a trajetória e atuação de cada convidado. É interessante como as descrições trazidas suscitam o diálogo com a estética de boa parte das bandas produzidas e lançadas pela Transfusão Noise, algumas associadas nominalmente ao *lo-fi*. É o caso de um rapper da Baixada Fluminense, que “traz o fino *lo-fi* cantado de forma experimental (...) onde os sentimentos e pulsares do dia a dia relutam para sair em composições bem pessoais”. Já no segundo evento, não há propriamente uma descrição, apenas os nomes participantes. Anteriormente ao exame e ao diálogo com Joab, havia prospectado sobre o Instagram do Escritório, onde encontrei o cartaz da segunda noite. Para minha surpresa, em suas redes sociais uma das MCs também associa o termo *lo-fi* à sua produção musical. Algo ainda interessante sobre sua definição, é a ausência de nomes como o próprio vocábulo “rap”, sendo proferida por ela como “lo-fi de favela, pagode under de quebrada”.

Ambos já colecionam alguns lançamentos fonográficos. Através de algumas fichas técnicas disponibilizadas, é possível notar a parceria dos MCs com diferentes *beatmakers*. Seus nomes também são recorrentes no processo de produção, que vai além da própria performance vocal, como o trabalho de engenharia de gravação e mixagem. Ainda que não reveladas explicitamente as condições referentes ao local ou ao modo como essas músicas foram gravadas, há hipóteses que surgem a partir de nomenclaturas elencadas nas notas, tais como “vozes captadas no studio quarto”, encontradas na descrição de um videoclipe. A referência ao “studio quarto” reforça a ideia de uma produção caseira associada ao *lo-fi*.

Outro caso pertinente promovido pelo Escritório é o de GAAX, projeto de Felipe Oliveira, que atualmente reside em Ribeirão Preto (SP). Amigo de longa data de Lê, iniciou seus experimentos em uma gravadora portátil Tascam de fita, emprestada por ele. Seu primeiro álbum reúne 32 faixas em forma de louvores bíblicos e foi lançado pelo Transfusão Noise. Desde então já lançou mais dois discos, e diz vir aprimorando suas técnicas e equipamentos aos poucos. Em uma de nossas conversas via Facebook, Felipe relatou:

[E]ssa forma gospel lo-fi experimental do primeiro trampo foi algo bem do momento que vivia na época (...) que foram os dois discos que gravei com a Tascam de 4 canais em fita cassete.. (...) a forma de gravações lo-fi vieram por necessidade mesmo esses trampos que gravei com a Tascam foram a maneira que tinha de gravar as ideias mais intimistas, pois fui conseguir um PC quando me mudei para Ribeirão Preto (...) o Senhor da Ciência que é o terceiro disco do GAAX e segundo que gravei sozinho, já tinha aprendido a usar mais recursos da tascam e tal (...) é tudo muito doido sempre usei os recursos que tive em mãos, tenho gravado outro trampo aqui em casa, porém usando o PC e uma plaquinha de som , ainda sim mantém essa textura lo-fi sendo que mais audível e bonito. (D.C., 24/06/2021)⁷

4. Considerações finais

Até o momento, foram observadas algumas multiplicidades do *lo-fi* encontradas nas diversas manifestações do Escritório. Entendendo-o como um pólo de articulação e produção incentivador da gravação caseira, também se faz notar uma visão engajada em suas ações com objetivos que aspiram o crescimento coletivo, tanto de seus pares, como de músicos *outsiders*. Com eventos realizados tanto no ambiente particular do Escritório, com entrada paga, como no espaço público em frente ao local, gratuitamente, além da óbvia ideia de manter um negócio rentável, o Escritório transparece um propósito agregador e de comunhão com a população urbana mais vulnerável. Analiso como parte da premissa de responsabilidade social evocado por um de seus membros, que envolve outros aspectos relacionados no texto como de conscientização e inclusão.

Na presente etapa do trabalho remoto vem se iniciando um contato mais assíduo com os colaboradores da pesquisa, estabelecendo dinâmicas de acordo com suas disponibilidades. Uma das possibilidades é a de prosseguir em trabalho de campo com GAAX e Lê, além de Joab, em busca de compreender melhor suas redes musicais entrelaçadas à gravação caseira e ao *lo-fi*. Para isso, acompanhar semanalmente processos como de gravação, performances musicais online (*lives*), e possíveis ensaios. Estes acompanhamentos, por sua vez, estão previstos para ocorrer de maneiras distintas, dado que nem todos têm as mesmas condições de acesso às mesmas tecnologias de comunicação.

Referências



- COHEN, Sara. Ethnography and popular music studies. *Popular Music* 12/2. 1993
- CONTER, Marcelo. *LO-FI: Música pop em baixa definição*. Porto Alegre: Appris, 2016.
- ESCOBAR, Arturo. Bem-vindos à Cyberia: notas para uma antropologia da cibercultura. In: SEGATA, J. & RIFIOTIS, T. *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. Brasília: ABA Publicações ; Joinville : Editora Letradágua, 2016.
- GUMES, Nadja Vladi. *A Música Faz O Seu Gênero: Uma análise sobre a importância das rotulações para a compreensão do indie rock como gênero*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal da Bahia, 2011.
- LUPTON, Deborah. Doing fieldwork in a pandemic. 2020. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1clGjGABB2h2qbduTgfqribHmog9B6P0NvMgVuiHZC18/edit?ts=5e88ae0a#>
- POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas*, a. 2 n. 3, p. 61-71, 2013.
- SEEGER, Anthony. Etnografia da Música. *Cadernos de campo*, n. 17, p. 237-260. São Paulo, 2008.
- TURINO, Thomas. Estrutura, contexto e estratégia na etnografia musical. *Horizontes Antropológicos* v.11: música e sociedade. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, 1999

Notas

¹ Gabriel é bacharel em Música Popular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestrando em Música na área de concentração Etnomusicologia/Musicologia pela mesma instituição e integrante do Grupo de Estudos Musicais (GEM/UFRGS) sob orientação da Prof^ª. Dra. Maria Elizabeth Lucas. Pesquisa financiada pela CAPES.

² Transfusão Noise. Disponível em: <<https://transfusao.com/sobre/>>. Acesso em 18 mar. 2021.

³ BERGER, William. Shit From an Old Cardboard Box, incl. Uncle Wiggly Tour Diary. WFMU's beware of the blog, 2007. Disponível em: <https://blog.wfmu.org/freeform/2007/01/shit_from_an_ol.html>. Acesso em 15 jan. 2021.

⁴ "I still maintain that I was the first person to use the term "lo-fi" in a public forum" (tradução minha).

⁵ Nota metodológica: a exposição das trocas de mensagens foi diretamente autorizada pelos interlocutores

⁶ Optou-se pela preservação da identidade dos rappers.

⁷ Gaax possui quatro álbuns lançados. Segundo Felipe, dois foram gravados apenas por ele (EXPerimental Gospel Sessions e Senhor da Ciência) e outros dois com banda (Campo dos Sonhos e Naturalidades), atualmente em fase de produção do quinto em colaboração à distância com músicos amigos.